

## COLLAGE: DISTINTAS INTERPRETAÇÕES DE UM MESMO PRINCÍPIO

Quando Picasso e Braque começaram a colar pedaços de papel em seus desenhos, no início do século XX, não imaginavam que uma criança em São Paulo, mais de sessenta anos depois, olharia para aquilo com curiosidade e vontade de repetir essa ação. Naturalmente a intenção era diversa, mas a vontade de construir coisas e de me expressar utilizando pedaços de papel e imagens já prontas recortadas de revistas me aproximou deste procedimento técnico e nunca mais me abandonou.

Durante toda minha adolescência passava horas fazendo grandes painéis com as imagens que colecionava. A ação mais ousada que ficou registrada na memória foi a *decoupage* e posterior reorganização de alguns retratos de família que meu pai havia encomendado à um fotógrafo profissional. Quando chegaram as cópias impressas em papel fotográfico de boa qualidade imediatamente me apropriei delas e num recorta e cola intenso modifiquei todas as cabeças dos personagens retratados: pai, mãe e irmãos. Diante do “estrago” que fiz nas fotografias tive que enfrentar a ira de meu pai e tudo aquilo foi para o lixo. Nenhum vestígio sobreviveu ao tempo e tudo ficou perdido num fragmento do passado.

### DA IMAGEM FOTOGRÁFICA AO ESPAÇO DA COR

No final dos anos 1970 quando estava concluindo o curso de Artes Visuais na ECA/USP me encantei com Matisse, meu grande mestre da cor. A saúde precária do pintor nos últimos anos de sua vida determinou a existência das cores recortadas. O álbum *Jazz*, realizado em 1944, é para mim um alimento primordial. Também as conversas sobre cor que tinha com Tuneu e Donato Chiarella me incentivaram a recriar os exercícios cromáticos de Albers e Itten e pintei papéis com guache para realizá-los. Estes foram os impulsos iniciais para uma intensa atividade com as cores e a colagem que me alimentou durante muitos anos.

Comecei a colecionar e pintar papéis e reuni-los em grandes grupos cromáticos. Entre uma profusão de papéis pintados e outros já coloridos e estampados comecei uma grande série de colagens. Me lembro claramente da primeira vez que organizei todas elas no chão do ateliê e o enorme impacto que isso me causou. Ainda não havia a clareza de utilizar as colagens como preparação para outras obras mas já existia a certeza de que me apropriaria da cor como principal elemento de linguagem para estruturas minhas ações. As formas, no início orgânicas ou narrativas, davam conta de meu universo construtivo naquele momento.

Nessa mesma época tive a oportunidade de conhecer o artista e mestre impressor Omar Guedes (1947-1989) e quando fui encontrá-lo pela primeira vez, levei algumas daquelas colagens para mostrar o que estava fazendo. Imediatamente percebemos que ali havia uma

excelente oportunidade de iniciar meu aprendizado na técnica e as serigrafias começaram a surgir a partir daqueles pequenos pedaços de papéis pintados e colados.

O desenvolvimento deste processo foi quase lógico: passei a realizar as colagens já com a intenção de transformá-las em serigrafias, trabalhando sempre em séries, onde procurava privilegiar determinada relação construtiva cromática. A partir daí cada vez que uma nova ideia surgia para um trabalho eu reiniciava o processo de pintar papéis, recuperar retalhos antigos e organizá-los em diferentes configurações até alcançar o resultado que buscava. Até hoje uso esse modo de trabalho antes de iniciar uma nova série de serigrafias. O que determina como cada série se inicia é a cor, mas a maneira como a organizo no espaço encontra nesse procedimento um forte aliado para as experimentações compositivas.

#### CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO & APROPRIAÇÃO TÉCNICA

O pensamento construtivo da colagem me acompanhou também em outras situações. Mesmo quando não existe a intenção cromática como principal eixo para o trabalho, a incorporação ou justaposição de imagens e pensamentos norteia grande parte de minha ação artística. Ainda me encanta o aspecto lúdico e lógico (para mim) na organização das imagens. Ainda recorro às sutis folhas de papel japonês como recurso técnico para criar uma nova camada de cor ou de espaço num desenho já pronto, ainda coleciono papéis: muitos papéis coloridos, embalagens, estampados, sabendo que serão ferramentas tão importantes como os lápis, penas, pincéis e tintas no trabalho que ainda não comecei.

Lygia Eluf

março 2018